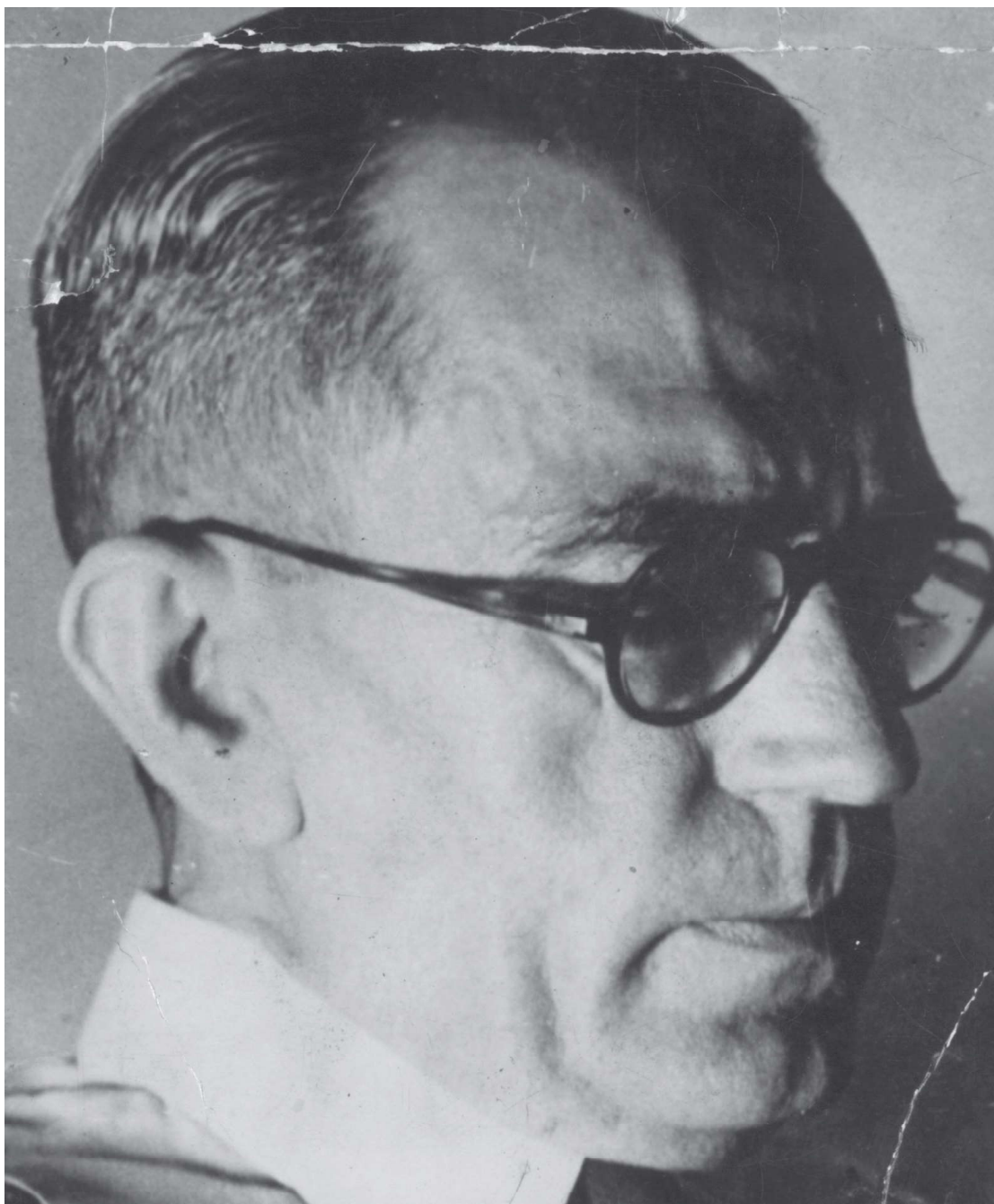
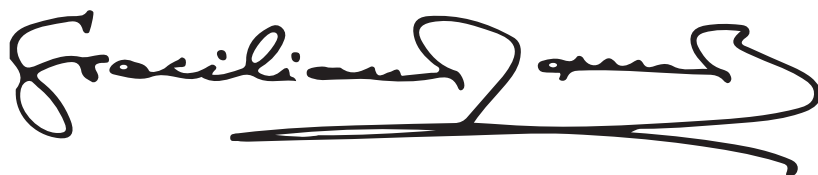




Wikimedia Commons/ Arquivo Nacional

*Graciliano Ramos, fundo documental
do periódico Correio da Manhã.*

A stylized, handwritten signature in black ink, reading 'Graciliano Ramos'. The signature is fluid and cursive, with a long horizontal stroke extending from the end of the name.

APRESENTAÇÃO

A literatura muitas vezes nos apresenta figuras que transcendem suas próprias palavras, inserindo-se na história não apenas como escritores, mas como testemunhas de tempos turbulentos e almas sensíveis que traduzem, através de suas obras, a complexidade do mundo ao seu redor. Graciliano Ramos de Oliveira é um desses ícones, um homem cuja trajetória de vida singular se entrelaça intimamente com sua excepcional produção literária.

Graciliano foi um brasileiro com uma trajetória de vida singular e um repertório literário excepcional. Desde a infância chamava a atenção devido ao interesse pelos estudos das línguas e apreciava obras de grandes nomes da literatura nacional e internacional; sua austeridade e franqueza lhe conferiram notoriedade em todos os ofícios.

Nascido em 27 de outubro de 1892, na cidade de Quebrangulo, Estado de Alagoas, Graciliano foi o mais velho dos dezesseis filhos de Sebastião Ramos de Oliveira e Maria Amélia Ramos. Seus pais eram, nas palavras do célebre autor, pouco afetuosos. A rigidez de sua criação confrontava sua sede insaciável por aprender, e esse ímpeto pelo saber, aliado a um olhar agudo

para as injustiças sociais, moldou não apenas sua consciência, mas também sua voz literária.

Foi nesse período que o pequeno Graciliano nutriu sua curiosidade pela Literatura, à medida que pedia livros emprestados do tabelião da cidade de Viçosa, para onde havia se mudado após um breve período morando em Pernambuco. A primeira obra escolhida foi *O Guarani*, de José de Alencar, com a promessa de cuidar muito bem dos exemplares e devolvê-los em perfeito estado.

Aos onze anos de idade, escreveu um conto que foi publicado no jornal do internato em que estudava, intitulado *O Pequeno Pedinte*. Foi a partir desse momento que Graciliano Ramos passou a adotar pseudônimos para assinar seus primeiros escritos, a saber: Ramos de Oliveira; Feliciano de Olivença; Soares de Almeida Cunha; G.R.; R.O., entre outros.

No ano seguinte, o jovem escritor se mudou para Maceió, a fim de terminar seus estudos. Em fevereiro de 1906, redigiu textos para o periódico alagoano *Echo Viçosense*, porém a publicação foi interrompida após duas edições devido ao suicídio do redator Mário Venâncio, a quem Graciliano tinha como mentor intelectual.

Graciliano chamou a atenção desde jovem devido à sua habilidade em ser autodidata, aprendendo sozinho uma variedade de idiomas, entre eles latim, inglês, francês e italiano. Segundo a biografia de Dênis de Moraes sobre o autor, Graciliano possuía o hábito de estudar dicionários desde jovem. Ele cita: “Dicionários, para mim, nunca foram apenas obras de consulta. Costumo lê-los e estudá-los. Como escritor, sou obrigado a jogar com as palavras, preciso conhecer-lhes o valor exato”.

No ano de 1914, mudou-se para o Rio de Janeiro com seu amigo Joaquim Pinto da Motta Lima Filho, com o objetivo de buscar oportunidades como escritor nos periódicos da cidade. No entanto, após um ano, precisou voltar para Alagoas devido à

morte de três de seus irmãos e um sobrinho durante a epidemia de peste bubônica.

Já em Palmeira dos Índios, Graciliano assumiu a loja de tecidos da família e não demorou a se casar com Maria Augusta de Barros, com quem teve quatro filhos durante os cinco anos em que estiveram juntos. Sua esposa veio a falecer devido a complicações no parto do filho mais novo. Graciliano ficou todo esse período sem escrever ou trabalhar em obra alguma, voltando somente no ano 1921 a contribuir para o jornal da cidade.

Sete anos mais tarde, o autor se casou com Heloísa Leite de Medeiros, com quem teve mais quatro filhos. Naquele mesmo ano, o governador do Estado apoiou a candidatura de Graciliano Ramos à prefeitura, mesmo este não demonstrando interesse algum em ingressar no ramo político. O que se seguiu foi um período turbulento na política local, envolvendo o assassinato do prefeito anterior, fato que fez com que o partido recomendasse o autor para o cargo devido ao sucesso que havia conquistado na direção da junta escolar, além da crescente fama como um homem de grande austeridade e franqueza.

Seu mandato, porém, não foi até o fim. Graciliano renunciou ao cargo em 10 de abril de 1930. Embora sua carreira política tenha sido curta, a maneira excepcional com que redigia os relatórios do município para o governador Álvaro Paes surpreendeu pela sua escrita envolvente e literária, despertando o interesse não somente de jornais locais, mas de outras regiões do país, em especial, o Rio de Janeiro.

Especula-se que os relatórios do município possam ter chegado até o editor carioca Augusto Frederico Schmidt, porém há controvérsias sobre como o editor teria entrado em contato com os escritos de Graciliano Ramos. Algumas biografias sustentam que o próprio editor entrou em contato com o autor em busca de obras

autorais para publicação. Porém, outra versão da história diz que foi o escritor e jornalista Jorge Amado quem teria apresentado os relatórios de Graciliano ao editor carioca, graças à indicação de seu amigo e pintor Santa Rosa.

Após a renúncia, Graciliano trabalhou como diretor da Imprensa Oficial de Alagoas, além de exercer a profissão como professor e diretor da Instrução Pública do Estado. No ano de 1933, teve seu primeiro romance publicado pela Editora Schmidt, *Caetés*, cujo enredo foi desenvolvido na cidade natal do autor.

No ano seguinte, tem sua segunda obra publicada, *São Bernardo*, que apresenta uma crítica à condição exploratória do trabalhador rural. O romance narra a ascensão de Paulo Honório, um homem de origem humilde que se torna proprietário da fazenda São Bernardo, em Alagoas. Contada pelo protagonista, a história revela sua personalidade determinada e autoritária na busca pelo poder e status.

O estilo seco e objetivo com que Graciliano Ramos redigia suas obras tornou-se sua marca registrada, e fez do autor um dos principais representantes do Realismo/Naturalismo brasileiro. Sua escrita era visceral, sem floreios que considerava desnecessários, e retratava a realidade árida e muitas vezes opressora do nordeste brasileiro. Sua linguagem revela uma visão realista da sociedade, abordando temas como desigualdade social e complexidade humana com sinceridade. O uso da narrativa em primeira pessoa e a precisão na criação de ambientes evidenciam sua habilidade em oferecer ao leitor uma imersão íntima nas histórias, tornando sua escrita atemporal e profundamente cativante.

No ano de 1936, Graciliano sofreu ameaças e foi demitido de sua posição na Instrução Pública de Alagoas. Em 3 de março, enviou o manuscrito de sua terceira obra para datilografar, e, mais tarde, naquele mesmo dia, foi preso sob a acusação de envolvimen-

to com o comunismo. Apesar de não ter sido oficialmente acusado, Graciliano ficou encarcerado em diversos presídios por aproximadamente um ano, incluindo a Colônia Correcional em Ilha Grande, Rio de Janeiro. Foi durante este período em que começou a escrever o livro *Memórias do Cárcere*, publicado postumamente, em 1953.

Ao sair da prisão, em janeiro de 1937, Graciliano se mudou permanentemente para o Rio de Janeiro, onde continuou se dedicando aos seus escritos e, em 1938, publicou sua obra-prima: *Vidas Secas*. Em seguida, trabalhou em um romance em conjunto com grandes nomes da época, como Jorge Amado, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego e Aníbal Machado. O livro foi publicado sob o título *Brandão, Entre o Mar e o Amor*.

Além de seus romances publicados, Graciliano Ramos também trabalhou em livros infantis e traduções de títulos estrangeiros como *Memórias de um Negro*, de Booker T. Washington e *A Peste*, de Albert Camus, traduzidos do inglês e francês, respectivamente.

Em 1945, após apenas uma conversa com Luís Carlos Prestes, diretor do partido na época, o autor filiou-se ao Partido Comunista Brasileiro, do qual fez parte até a sua morte. Realizou, também, diversas viagens ao exterior já na década de 1950, incluindo a então União Soviética, França e Portugal.

Em setembro de 1952, Graciliano, já adoecido de câncer no pulmão, passou por uma cirurgia em Buenos Aires, porém, sem sucesso, retornando ao Rio de Janeiro no mês seguinte com a saúde muito debilitada. Em 27 de outubro, seus amigos e admiradores celebraram, sem a sua presença, seu aniversário de 60 anos no Salão Nobre da Câmara Municipal do Rio de Janeiro, em uma sessão presidida pelo jornalista e escritor Peregrino Júnior, membro da Academia Brasileira de Letras.

Graciliano Ramos veio a falecer em 20 de março de 1953 devido ao câncer no pulmão. Durante os últimos anos de sua vida, trabalhou em diversos escritos, muitos dos quais viriam a ser publicados por sua esposa, Heloísa, postumamente.

LINHA DO TEMPO

1892 - Nasce Graciliano Ramos, na cidade de Quebrangulo, Alagoas.

1893 - Muda-se com os pais para a Fazenda Pintadinho, na cidade de Buíque, Pernambuco.

1899 - Volta para Alagoas, desta vez, rumo à cidade de Viçosa.

1904 - Publica seu primeiro conto aos 11 anos, intitulado *O Pequeno Pedinte*.

1905 - Muda-se para Maceió.

1906 - Publica sonetos na revista carioca *O Malho*, porém sobre o pseudônimo Feliciano de Olivença.

1909 - Começa a escrever para o Jornal de Alagoas, publicando textos e sonetos sob diversos pseudônimos, entre eles Soares de Almeida Cunha e Lambda. Colabora, também, com escritos para a revista carioca *O Malho*.

1910 - No dia em que completa dezoito anos, muda-se para a cidade de Palmeira dos Índios. Neste mesmo ano, é entrevistado como escritor pela primeira vez pelo *Jornal de Alagoas*.

1911 - Escreve para o jornal *Correio de Maceió*, sob o pseudônimo Soeiro Lobato.

1914 - Junto ao seu amigo Joaquim Pinto da Mota Lima Filho, Graciliano muda-se para o Rio de Janeiro em agosto, a fim de trabalhar como jornalista nos periódicos da cidade. Consegue

trabalhos como revisor nos jornais *Correio da Manhã*, *A Tarde* e *O Século*, e escreve para o *Paraíba do Sul* sob o pseudônimo R.O.

1915 - Retorna para a cidade de Palmeira dos Índios devido ao falecimento de três de seus irmãos, Leonor, Otacília e Clodoaldo, e de seu sobrinho Heleno, vítimas da peste bubônica. Em 21 de outubro, casa-se com Maria Augusta de Barros. Neste ano, para de trabalhar em todos os jornais.

1916 - Em 14 de setembro nasce Márcio Ramos, seu primogênito.

1917 - Assume a loja de tecidos da família em abril. Em 13 de setembro, sua esposa dá à luz o segundo filho do casal, Júnio Ramos.

1919 - Em 29 de setembro, nasce Múcio Ramos, terceiro filho do casal.

1920 - Em 23 de novembro, nasce sua quarta filha, batizada com o nome de sua esposa, que vem a óbito após complicações no parto.

1921 - Volta a escrever após cinco anos de hiato. Sob os pseudônimos J. Calisto, Anastácio Anacleto, Lambda e J.C., Graciliano colabora com o semanário *O Índio*.

1925 - Começa a escrever o romance *Caetés*.

1927 - É eleito prefeito de Palmeira dos Índios, Alagoas.

1928 - Toma posse do cargo na prefeitura da cidade. Casa-se com Heloísa Leite de Medeiros, no dia 16 de fevereiro.

1929 - Em 4 de janeiro, nasce Ricardo de Medeiros Ramos, quinto filho de Graciliano e primeiro filho do casal. Quatro dias depois, envia ao Governador do Estado um relatório de prestação de contas, o qual chamou a atenção devido à sua qualidade literária.

1930 - Em 22 de janeiro, nasce o segundo filho do casal, sexto filho do autor, Roberto de Medeiros Ramos. Em abril, renuncia ao cargo de prefeito após uma série de fatores políticos e pessoais. Publica artigos no *Jornal de Alagoas*, assinando como Lúcio Guedes. Muda-se para Maceió, onde assume um cargo na Imprensa Oficial de Alagoas. Em meados de julho, morre seu filho aos seis meses de idade.

1931 - Nasce Luiza de Medeiros Ramos em 19 de fevereiro, sétimo filho de Graciliano e terceiro filho do casal. Em dezembro do mesmo ano, pede demissão do cargo de direção da Imprensa Oficial.

1932 - Começa a escrever o romance *São Bernardo*. Em abril, passa por uma cirurgia devido a um grave abscesso no músculo abdominal. No final do ano, em 9 de novembro, nasce Clara Medeiros Ramos, seu oitavo filho e quarto filho do casal.

1933 - Em janeiro, é nomeado diretor da Instrução Pública de Alagoas. Logo depois, começa a trabalhar como redator no *Jornal de Alagoas*. Publica seu primeiro romance, *Caetés*, pela Editora Schmidt.

1934 - Publica seu segundo romance, *São Bernardo*. No mesmo ano, seu pai, Sebastião Ramos de Oliveira, morre em Palmeira dos Índios.

1936 - É preso em 6 de março, logo após entregar o manuscrito de *Angústia* ao datilógrafo, e levado para o Rio de Janeiro. O livro é publicado em agosto e recebe o Prêmio Lima Barreto, concedido pela Revista Acadêmica.

1937 - Em 3 de janeiro sai da prisão e muda-se para o Rio de Janeiro. Escreve o livro *A Terra dos Meninos Pelados*, que veio a ser publicado na íntegra somente dois anos depois.

1938 - Publica sua obra-prima, *Vidas Secas*, em março.

APRESENTAÇÃO

1939 - Foi nomeado, em agosto, Inspetor Federal de Ensino Secundário do Rio de Janeiro.

1940 - Traduz o livro *Memórias de um Negro*, do escritor norte-americano Booker T. Washington.

1941 - Escreve e publica diversas crônicas e ensaios que viriam compor o livro *Viventes das Alagoas*.

1942 - Recebe o prêmio Felipe de Oliveira em seu aniversário de cinquenta anos. O livro *Brandão Entre o Mar e o Amor*, é publicado.

1943 - Em 4 de setembro, sua mãe, Maria Amélia Ramos, vem a óbito.

1944 - Seus contos infanto-juvenis *Histórias de Alexandre*, é publicado.

1945 - Filia-se ao Partido Comunista Brasileiro a convite de Luís Carlos Prestes. Publica sua coletânea de contos *Dois Dedos* e também *Infância*, seu quinto livro.

1946 - *Histórias Incompletas*, uma coletânea de contos e capítulos inéditos de *Vidas Secas* e *Infância*.

1947 - Seu sexto livro, *Insônia*, é publicado no Rio de Janeiro.

1950 - Morre, em 24 de agosto, seu filho mais velho, Márcio Ramos. No mesmo ano, o autor traduz o livro *A Peste*, de Albert Camus.

1951 - Publica o título *Sete Histórias Verdadeiras*. Em 26 de abril tornou-se presidente da Associação Brasileira de Escritores.

1952 - No primeiro semestre do ano, viaja pela Europa com sua esposa, visitando Portugal, França, a então União Soviética (Rússia) e a Tchecoslováquia (Chéquia). É submetido a uma cirurgia em Buenos Aires, em setembro, porém retorna ao Rio de Janeiro com a saúde debilitada.

1953 - Em 20 de março, morre devido ao câncer no pulmão.

O LEGADO DE GRACILIANO RAMOS

Sua passagem precoce em 1953 deixou um legado literário vasto, mas também uma sensação de que sua pena poderia ter desenhado mais páginas, delineado mais histórias. Contudo, sua vida e sua obra permanecem como faróis de lucidez e crítica social, inspirando novas gerações de leitores e escritores a enxergar o mundo com olhos argutos e a expressar suas inquietações por meio da arte.

Conforme era de desejo do autor, Heloísa Ramos publicou o título *Memórias do Cárcere* ainda em 1953 e, no ano seguinte, publicou *Viagem*, um livro de crônicas em que Graciliano narra suas viagens com a esposa pela então União Soviética e Tchecoslováquia.

Em 1962, foi publicado as obras *Linhas Tortas*, *Viventes das Alagoas* e *Alexandre e outros Heróis*, este último sendo uma coletânea que reuniu os títulos *Histórias de Alexandre*, *Pequena História da República* e *A Terra dos Meninos Pelados*. No mesmo ano, a obra-prima *Vidas Secas* recebe o prêmio da Fundação William Faulkner pela sua representação da Literatura Brasileira Contemporânea.

Dez anos após a morte de Graciliano Ramos, o diretor Nelson Pereira dos Santos produz um filme baseado em *Vidas Secas*, o qual lhe garante diversos prêmios, dentre eles o prêmio Office Catholique de Cinéma, no XVII Festival Internacional de Cinema de Cannes, o mais prestigiado da categoria. Em 1984, Nelson Pereira também adaptou o livro *Memórias do Cárcere* para o longa-metragem, e o título entrou para a lista de 100 melhores filmes brasileiros de todos os tempos, junto com *Vidas Secas*.

Outra obra de Graciliano que foi adaptada para o cinema foi o romance *São Bernardo*, dirigido pelo cineasta Leon Hirszman. O filme foi gravado na cidade de Viçosa, onde o autor viveu e publicou seu primeiro escrito, e conta com uma trilha sonora produzida por Caetano Veloso. O longa recebeu indicações em várias premiações, e foi contemplado com o Prêmio Air France — premia-

ção da companhia aérea francesa, criado com o intuito de reverenciar o cinema brasileiro — de melhor filme, diretor, atriz e ator. Este último foi para Othon Bastos, que interpretou o personagem principal da obra, Paulo Honório, e também recebeu a honra no Festival de Gramado.

A última obra póstuma de Graciliano a ser publicada por sua esposa foi *Cartas*, uma compilação das correspondências do autor desde 1910 até 1952, no período em que esteve viajando pela Europa. Ao revisitar a vida de Graciliano Ramos, é impossível não reconhecer sua dedicação à literatura e sua incansável busca por uma sociedade mais justa.

Graciliano Ramos foi não apenas um mestre das letras, mas um observador incansável da sociedade à sua volta. Seu legado vai além das páginas de seus livros, deixando-nos um retrato vívido e crítico de um Brasil marcado por desigualdades e desafios. Através de sua escrita, ele nos convida a refletir sobre a condição humana e a realidade social, mantendo-se relevante e inspirador para as gerações futuras.